

BRITO CAPELLO E ROBERTO IVENS



Brito Capello e Roberto Ivens, aquelles agradaveis rapazes a quem ainda ha meia duzia de dias apertavamos a mão no café Martinho, vão a estas horas alto mar, em demanda de mais um loiro com que enfiorem a sua já tão brilhante corôa de glorias.

Saudando d'aqui, com enthusiasmo, os destemidos exploradores africanos, apertamos cordealmente a mão do intelligente ministro Pinheiro Chagas, a cuja iniciativa se deve a empreza d'aquelles bravos, que hão de futuramente pagar-lhe, nas conquistas da sciencia, a sua bella ideia de alevantado progresso.

NO PAIZ DO SYNDICATO

Diz um jornal da provincia que, «um sacerdote, esquecendo o respeito devido á dignidade das suas funcções e á santidade do logar» commetteu diversos crimes no «tribunal da penitencia.»

A guerra que o liberalismo maçónico faz ao padre, é para mim tão inexplicavel como a guerra que o Falcão está fazendo ao agoadeiro. Dois minutos de reflexão e tudo seria salvo. O padre que nasce como outro qualquer bímão do choque de dois amores é prohibido de amar. Elle, que tem uma alimentação forte, que vive n'uma atmosphera de insenso, que veste saia, que escuta as confissões mais tremulas das bellas peccadoras, que está sempre com dois terços do corpo na esplendida região do vicio, do amor, da paixão, não póde lá introduzir o outro terço, sem que os liberalões ferozes lhe façam uma montaria que nada tem de humano. Vivemos n'uma epoca em que todos se chamam positivistas, e queremos que haja cidadão de carne e osso, de mais carne do que de osso, que viva com as ventas no céu aspirando metaphysica! Sejamos sinceros, cordatos, rasoaveis. O «tribunal da penitencia» foi em todos os tempos o tribunal da bella penitencia. Quem tem a culpa? Será o juiz? será a ré? Não é o espirito imparcial que vá deffender a candida victima que se entrega nos braços robustos do bom Deus feito homem.

Se penitencia é ir ajoelhar e contar historias appetitosas, é martyrio ouvir as palpitações dos corpos apaixonados, só para morder em *ave-marias*

Vão á jangada da Meduza com dois kilos de fome e chamem assassinos e ladrões aos pobres naufragos esfaimados. O ascetismo nos tempos modernos não anda por muito longe da estupidez. O padre que se torna homem, o seu espirito que se transforma em carne, que desce dos céos para acompanhar o magnifico can-can da terra, segue a evolução positiva do seculo. Deixem comer o padre; porque, afinal, é elle quem lhe corre os riscos.



O Cyriaco de Cordoes anda a ruminar um projecto lyrico. Porque afinal o Cyriaco apezar do tom, do sabor classico que elle quer dar ao seu senso artistico é e será sempre um lyrico, como um latino da decadencia, como um peninsular do occidente, de mais a mais já banhado na atmosphera capitosa do Botafogo.

Todos os artistas que passam o Pão de Assucar embebedam-se n'aquellas emanções romanticas que a alma de Casimiro de Abreu disprende por sob a sombra dos cajoeiros e das mangas. E como a pura comprehensão lyrica nos faz recuar até aos bellos tempos do punhal e da guitarra, até quando as brancas damas timidas e pantheras soluçavam na orla do balcão de marmore, onde pelejavam nos torneios, o Cyriaco é, sobre tudo, um medieval. Profundando bem a questão, como faria o sr. Joaquim de Vasconcellos ou o sr. José Caldas, que são os unicos sabios que eu agora conheço n'este feudo do sr. Correia

de Barros, não me repugna acceitar o Cyriaco de Cardoso, como a incarnação moderna de qualquer trovador das idades bruxas, alma constelada de estrellas, scismadora como o espirito luctuoso que habita a magra carne do sr. Vieira da Cruz. Para o seu ultimo beneficio, Cyriaco escreveu uma *Serenata*. Pois que havia elle de escrever, senão um cantico do luar? N'aquelle unisono de violinos ha vultos de fadas que se escoam fugitivamente por entre os platânos melancolicos; ha fluctuações de folhas de rosa na descida lenta dos rios murmurantes.

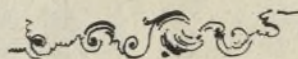


A ideia que se anicha agora no centro de Cyriaco, ou melhor, a sensação vibrante agora na sua tempera de artista é a fundação de um periodico *O Menestrel*. Volvemos ainda á epoca dos contos azues, accidentados por loucas aventuras de pequenas rainhas vestidas de setim, vivendo na corolla dos lyrios, e morrendo envenenadas pelo beijo lascivo das borboletas. *O Menestrel*, dará versos e musicas, e figurinhas e coisas doces que as meninas pallidas da rua das Flores tocarão baralhadamente, no pianno, a quatro mãos.

Oh! a terrivel musica *quadrumana*!

*
*
*

O meu illustre amigo Eduardo Falcão, inspector dos incendios, acaba de publicar o regulamento para agoadeiros, decretando entre as suas disposições — que todo o agoadeiro que quizer gosar das regalias da sua bica terá de se naturalizar portuguez! A patria ou os privilegios da bica, tal é o formidando dilemma em que o sr. Falcão aperta os honestos colonos hespanhoes. Eu não comprehendo esta guerra terrivel que em Portugal se faz ao gallego. Qualquer cidadão gaulez, qualquer squire bretão, qualquer germano avermelhado, póde ser banqueiro, empreiteiro, consul, medico, mas o triste gallego nem agoadeiro póde ser na terra alheia!



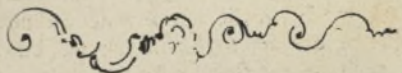
Oh! os criados! Mas são terriveis esses pobres diabos, de olhar humilde e attitudo expectante que nos entram em casa para assistir ás nossas agonias, para se rirem das nossas dores e odiarem as nossas alegrias. Um amigo meu, referindo-se ás criadas, concluia assim a sua catilinaria: — Sabes o que ellas querem? É soldada e soldados.

E a proposito narrava-me coisas duras, occorridas entre elle e algumas d'essas temiveis «perturbadoras da tranquillidade do lar» como diz o sr. Barbosa Leão.

Uma trigueirinha gentil, olho preto, nariz estreito, bocca rasgada apresenta-se, pedindo para ser admittida como criada de todo o serviço.

— Vocemecê sabe engomar? perguntou a dona da casa.
 — Sim, minha senhora.
 — Costurar? cozinhar, se necessario fôr?
 — Sim minha senhora?
 — É viva?
 — Tão viva, que sahi da ultima casa onde estive, por-
 que dei duas lambadas na rabugenta da minha ama.

JOÃO BROA.



APOLOGO

O rei dos bichos, o feroz leão,
 Ao vêr um tigre estremeceu de susto;
 Temeu perder o diadema augusto...
 Vejam vocês como estas coisas são!

E elle, que sempre se mostrára tão
 Audacioso promotor de lutos,
 Prégou concordia aos seus vassallos brutos...
 Vejam vocês como estas coisas são!

Chamou a hyena, o elefante e o cão,
 Urso e chacal, camello, burro e toiro;
 A todos disse bocadinhos d'oiro...
 Vejam vocês como estas coisas são!

Mas a raposa, que não pensa em vão,
 No rei notando este desejo santo,
 Disse a alguns brutos — que o não eram tanto:
 Vejam vocês como estas coisas são!

Em quanto o rei se consid'rou pimpão
 Dos seus vassallos ia dando cabo;
 Como já sente que lhe treme o rabo...
 Vejam vocês como estas coisas são!

Ao ver a grrrande e proveitosa união
 Que o Caro armou contra o furor da bicha,
 Tambem o Zé já por ahi cochicha:
 Vejam vocês como estas coisas são!!!

O INSTITUTO DE GYMNASIOLOGIA

É um rapaz singular e extravagante aquelle Augusto Abreu Oliveira.

Legou-lhe a fortuna uma continha invejavel e redonda de libras sterlinas e vae d'ahi, elle, o que havia de fazer a uma parte do saboroso bollo?

Dividil-o em talhadas, conspicuamente distribuidas pela Junta do Credito Publico, do Banco Predial, da Companhia das Lesirias e quejandos estabelecimentos, que lhe dessem um juro certo e compensador para as urgencias da barriga e para a reforma dos fraks, esgarçados nas hobreiras da Havanesa?

Não, senhores.

O demonico do rapaz, fundindo o oiro dos seus haveres no cadinho da extravagancia, fez sair d'elle um instituto de gymnasiologia!

É d'esse estabelecimento que acabamos de sair ha instantes e onde por mais d'uma hora nos passeiámos abysmados, não tanto da perfeição acabada e do methodo rigoroso que em tudo observámos, como ainda da pujante iniciativa que soube levar a cabo a benemerita empresa.

Benemerita, sim senhores; pois que pensam?

O Instituto de Gymnasiologia não é uma sala de passatempo ocioso ou de recreio banal; é um estabelecimento verdadeiramente benemerito, visto como ali os fracos se robustecem, os doentes se curam, os rachyticos se desempenam, e os ignorantes se instruem.

A cadeira orthopedica põe os paralyticos em condições de disputarem primasias ao vencedor de Bargossi.

A gymnastica de quarto constitue, por si só, um gymnasio completo, com cujo exercicio o mais seco dos bacalháus pode attingir em poucos dias as proporções dos mais avantajados atuns.

A escada em arco é um apparelho onde a propria Sarah Bernhardt poderia facilmente adquirir as fórmulas do nosso collega Gabriel Claudio, se é que não chegasse ao cumulo de patriotismo com que o sr. ministro Aguiar se apresentou no parlamento.

O banho de chuva, na pressão de tres athmospheras, fazia, em menos d'uma semana, do sr. conselheiro Arrobas, o homem mais sensato das cito provincias portu- guezas.

E, finalmente, as massas, os pesos, o dynamometro Burk, e tantas outras dezenas de apparelhos curiosos de que se compõe aquelle estabelecimento, desde a sala d'armas, sob a direcção de Antonio Martins, um sympathico moço e um espadachim temivel, discipulo e crêmos até que rival de Petit, até ás soberbas parallelas de Holbeche, o professor de gymnastica outro moço, não menos sympathico, verdadeiro athleta de sobrecasaca e chapéu alto, que passeia sessenta kilogrammas de ferro tres palmos acima da cabeça, como nunca vimos passeial-os nos circos os athletas de fato de malha; esse conjuncto, diziamos, de tudo que a arte tem de melhor e as sciencias medicas modernamente aconselham, ha de transformar Lisboa, d'uma sociedade que é de anémicos, n'uma população de collossos, a quem, se um dia, por seu mal, succeder virem ás unhas, acontecerá o mesmo que aos grillos da historia: comerem-se uns aos outros.

PAN.

A SEMANA

Muito falha de assumptos a primeira semana do anno novo...

Ao começo julgámos que os altos poderes politicos que nos regem, empanturrados de peru e brôa de milho ao ponto de se lhe tocar com o dedo, estavam em casa estendidos sobre o fofo sofá de molas, de colletes desabotoados para facilitar a operação do chylo, não tardando porém que, uma vez satisfeitas as urgencias da digestão, saltassem lesto para o seio da representação nacional, desabotoando ahi os alcapões da eloquencia sobre as importantes questões que se acham fermentando no amassadoiro das reformas.

Qual carapuça!...

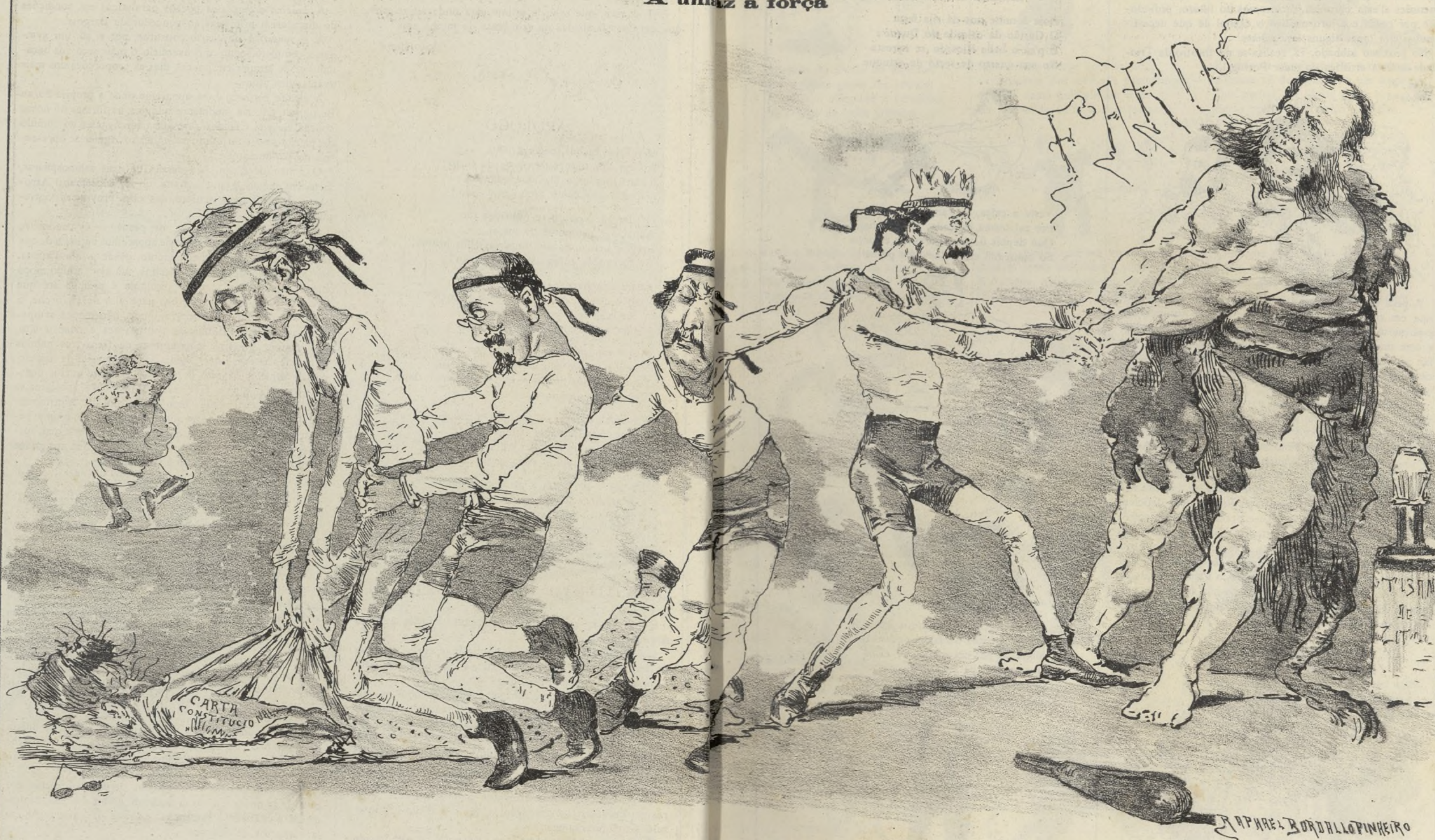
A politica impanzinada chegou ao parlamento de lingua de fóra, não lhe sobrando o folego senão para nomear commissões, n'aquella azafama de afazeres de quem não tem nada que fazer.

Abençoadas brôas e abençoado peru! Ao menos, em quanto se opéra aquella digestão de giboia e a politica descansca a nomear commissões, em vez de se occupar em lançamentos de decimas,

Descançamos nós tambem
 No chão deitados de costas;
 Que em quanto o pau vae e vém
 Sempre vão folgando as costas...

O CORDO

A união a força



Acude e corre, se não corres,
Pode ser que não socorres.
adas, canto 5.º, est. CV.

E, pois que o passado nos fornece tão pouco assumpto que mal chega para que preenchamos as limitadas dimensões d'esta chronica, recorramos ao futuro, pedindo-lhe por conta e a juro modico o capital de que necessitamos para tapar alguns *buraquinhos*.

No proximo sabbado, 12, realisa-se no theatro da Trindade a festa artistica do tenor Portugal.



A peça escolhida para a recita d'esta noite é uma opereta em tres actos, com poema de Acacio Antunes, um espirituoso rapaz que faz versos tão bons como os nossos, e com musica do maestro Gazul, um talentoso artista que faz musica tão boa como nós fariamos se se não dera a circumstancia de não sabermos patavina de semelhante coisa.

A peça intitula-se *A Noiva*, e a cidade anda muito intrigada sobre qual seja a actriz encarregada do papel de protagonista. Pela nossa parte ignoramol-o igualmente mas podemos assegurar que Francisco Palha foi, segundo nos consta, d'um escrupulo legitimo e intransigente na escolha da pessoa que deve desempenhar esse personagem.

Diz-se até que o conspicuo empresario, se a artista não agradar ou se alguns espectadores lhe notarem deficiencias na execução d'esse papel, se presta generosamente a desempenhar de futuro a parte de *Noiva*, cantando por inteiro todos os actos, sem que se torne necessario fazer-lhe cortes nas partes tanto de declamação como de musica.

Não desgostavamos de ver Francisco Palha nos assados de *Noiva*, mas estamos certos que tal não succederá, porque a *Noiva* escolhida ha de agradar tanto ao publico como ao proprio noivo.



UM BAILE

Aventuras de Ricardo, o dandy.

Hoje á noite nos dá rija festa
O Gastão da calçada do Duque;
E p'ra o baile Ricardo se apresta
No seu quarto de tecto de estuque.



Veste a calça, curvando-se o dorso,
Por tal fórma esticada, á moderna,
Que depois de tres horas de esforço
Só consegue enfiar-lhe uma perna!



Na camisa coloca os botões,
Mais brilhantes que tres lantejoilas,
E tamanhos, com taes dimensões,
Que parecem botões de ceroilas.



Qual á força, em delgados gargalos,
Rolhas grossas o masso encastôa,
Mette os pés cravejados de calos
Nos sapatos de bico de brôa.



Com pachorra, com tempo e com custo,
Da camisa forçando o peitilho,
Lá enverga o collete, mais justo
De que o mais deliçado espartilho.



Especado na frente do espelho,
Que a figura gentil lhe retrata,
De cansaço offegante e vermelho,
Faz o laço da bella gravata.



Veste a manga, delgado canud
Da casaca, forrada de seda,
Põe no braço o melhor sobretudo,
Nouveauté de Paris — côr de greda.



Sobre a meza pequena da alcova,
Lorcovando-se, o mais que elle pôde,
Dá de leve co'as barbas da escova
Brilhantina no negro bigode.



Satisfeito, da alcova se affasta,
Co'um sorriso contente, jocundo,
Põe na tóla o chapéu — o de pasta,
Que tem letras doiradas no fundo.



Mais direito que um rijo galdrope,
Desce a escada, o pedante, o balordo,
E lá segue p'ra o baile a galope
Na tipoia veloz do Zé Gordo...



Eil-o emfim n'esse bom salcifrê,
— O melhor dos melhor's passatempos —
Co'uma dama pulando-lhe o pé
No delírio da valsa a dois tempos.



Pára a dança; que em vívidas chammas
Sentem todos arder-lhe o sovaco;
E Ricardo, n'um grupo de damas,
Faz perninha p'ra o bello cavaco.



N'isto, á bella e gentil Violante,
Cae o leque da mão — que arrelia! —
E Ricardo, que estava adiante,
Apanhal-o por força devia...



Mas as calças, á laia de arrocho,
Na barriga suffocam-lhe a tripa,
E no esforço tenaz faz-se roxo
Recurvando-se em arco de pipa!



E de roxo — oh! vergonha! oh! desdoiro!
Toma a côr de amarella gengibre,
Quando as calças lhe dão tal estoíro
Como peça de grosso calibre!...



E onde ás bestas se põe a retranca
Alguem vê despontar-lhe um trapinho,
Que par'cia, na fôrma e côr branca,
Ser a ponta d'um lenço de linho...



Em voz baixa diz D. Mafalda
P'ra a cunhada, a gentil D. Elisa:
— Eu jurára ter visto-lhe a fralda,
... Se soubera que usava camisa...



Entre as alas do alegre festejo
Corre a sombra d'um negro desgosto;
As meninas, vermelhas de pejo,
Sob os leques escondem o rosto...



Os convivas levantam-se em grita,
Tudo falla, protesta, reclama;
Um braceja, outro berra, outro apita,
Contra aquelle immoral ciclorama!



E Ricardo, do bom salcifrê,
— Oh! peor dos peor's contratemplos!
São corrido a feroz ponta-pé,
No delírio da valsa a tres tempos!

PAN

O INSTITUTO DE GYMNASIOLOGIA

Estabelecido na rua do Amparo, n.º 12



Prevenimos as mãos de lamina de que a gymnastica adquirida n'este estabelecimento não instiga a dar cambalhotas nem a andar com as mãos pelo chão.